



nas furnas de Monsanto!

A Gandaial I sensacional reportagem do jornalista vagabundo Mário Domingues, que passou oito dias e oito noites nos locais miseráveis de Lisboa, vivendo de esmolas e de roubos!

ANO III—SÉRIE II—N.º 93

O NOTICIAS ILUSTRADO

LISBOA, 23 DE MARÇO DE 1930

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE—SÉDE: RUA DIARIODE NOTICIAS, 78 LISBOA—TELEFONE: T. 821—TELEGRAMAS:—NOTICIAS LISBOA—OFICINAS GRAFICAS: OEOGRAVURA, LIMITADA. RUA D. PEDRO V 18 —TELEFONE: 2631 T.—LISBOA

PREÇOS DE	6 MESES		12 MESES		24 PAGINAS
	Portugal Continental e Insular ...	25000	Portugal Continental e Insular...	70000	
ASSIGNATURA	Ultramar	35000	Ultramar	78000	NUMERO AVULSO 1\$50
	Espanha	28000	Espanha	78000	
	Brasil	45000	Brasil	88000	
	Outros países	50000	Outros países	100000	

DIRECTOR: LEIÃO DE BARROS—EDITOR: ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO—DIRECTOR GERENTE: CAROLINA HOMEM-CHRISTO

HUMORISMO CRONICA HUMORISMO

MUSICAL

POR NOGUEIRA DE BRITO

Quatro concertos notáveis caracterisaram a semana que findou: o de musica italiana da Sociedade Nacional de Musica de Camara, o recital de Chopin interpretado por Viana da Mota e a audição de alunos de Marina Dewander Gabriel. Todos diferentes, tomando expansão bem diversa, mas atraentes pelo seu particular valor. A Musica de Camara deu-nos modernistas italianos, apontados pela palavra facil de Zuzarte de Mendonça (Filho). Foi uma noite de exemplificação musical bastante relevante. O recital de Chopin confiado a Viana da Mota deu uma ideia nitida do que vale o grande pianista portuguez. Chopin appareceu á nossa sensibilidade com um brilho admiravel. Sentimo-lo como raras vezes ele tem sido sentido. O brilhante pianista portuguez pô-lo erecto, vivo ante a nossa sentimentalidade.

Pedro de Freitas Branco fez a sua festa como director da Orquestra Sinfonica do Tivoli. Não fez mais do que o que costumava fazer. E' sempre discreto, elegante, sabedor. Mereceu as efusivas palmas que lhe deram. Marina Dewander Gabriel surgiu como professora de canto. A sua arte, o seu valor, a sua pedagogia musical evidenciou-se neste concerto em que as suas discipulas honraram os metodos de ensino da mestra.

N. de B.

BILHETE DO REVISOR A ROSA MARIA

Minha senhora:—Venho pedir-lhe perdão por uma coisa que embora me seja habitual, neste caso me chora e penalisa: Pela «gralha» que o meu sestro me levou a não matar... No passado numero deixei que os seus jovens dezanove anos sáissem com mais dez, isto é, somando, com vinte e nove...

Ora como eu sei que uma «gralha» destas seria difficilmente perdoada se V. tivesse mais idade, tenho porém a certeza—e isso me encoraja—a pedir-lhe desculpa visto que os seus verdes anos—os seus autenticos dezanove—até acharão graça a este meu terrivel defeito de deixar passar «gralhas» do que, afinal, já bem habituados estão os leitores do «Illustrado».

Mea culpa
O REVISOR DO JORNAL

LIVROS

A MULHER E AS MISERICÓRDIAS—conferência de Branca Rumina.

A senhora D. Branca Rumina publicou, em opusculo, uma interessante conferencia, realisada há meses, na qual teve enseo de fazer muitas e criteriosas observações acerca do papel que compete á mulher desempenhar, como colaboradora dessas admiráveis obras de assistência, que são as Misericórdias. Trabalho sem a menor pretensão litteraria ou erudita—apezar de frequentes e curiosas referências á história das Misericórdias—a conferencia da ilustre médica revela um extraordinário carinho pela causa dos desprotegidos da sorte e mostra-nos um formoso coração de mulher, a quem o quotidiano espectáculo da miséria e da doença não conseguiu couçar de indiferença.

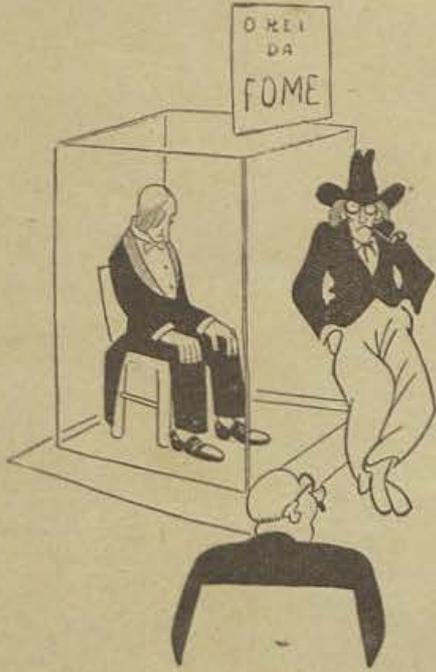
Thereza LEIÃO DE BARROS

PIANOS

CASA ESPECIALISADA

Januario Nunes & C.º
(Filhos)

108, R. DOS RETROZEIROS, 110 LISBOA



—Ilustre poeta: O que faz aí ha tanto tempo?
—Estou a ver se consigo viver com as sobras...

(Do «Buen-Humor»)

LIVROS

PORTUGAL E OS GEOGRAFOS ESTRANGEIROS—conferência de José Henriques Barata.

Foi o sr. Dr. José Barata quem teve a honra de fechar, no passado ano lectivo, um brilhante ciclo de conferencias promovidas por alguns professores dos liceus de Aveiro e de Vizeu e realizadas, alternadamente, nestas duas cidades. Da maneira como se desempenhou dêsse encargo, fala eloquentemente a optima impressão deixada pela leitura do seu trabalho. O assunto foi escolhido com a maior felicidade, porquanto é dos que, interessando a todos, tem maior e porventura mais fecunda ressonância nas almas moças e entusiastas.

O sr. Dr. José Barata procurou e conseguiu provar que os mais conceituados geógrafos modernos tem caído em grosseiros erros de informação e de comentário, quando se referem ao nosso país. Apellando para um equilibrado e inteligente patriotismo, o conferente mostra a necessidade de, assim como já, há séculos abrimos os olhos ao Mundo, abrimos agora os olhos aos sábios de além Pirineus, fazendo a propaganda metódica e scientificos dos nossos legítimos direitos á consideração alheia. Bem haja o ilustre professor por, tão desassombradamente, haver chamado a atenção dos seus compatriotas para um assunto que sobremaneira interessa ao brão nacional.

Musicas e Pianos

Gramofones ~ Discos ~ Instrumentos diversos

SOARES & VIANA, LTD.

48—RUA DO LORETO—50—LISBOA

TELEFONE T. 699

O "NOTÍCIAS" ILUSTRADO

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

DA PRIMEIRA CARTA

JÁ passaram trez mezes sobre aquela tarde muito azul e linda, em que partiste. Trez mezes longos como uma Estrada de Damasco sem findar... Trez mezes que se escoaram como vermes preguiçosos na areia preta do jardim. E no entanto, a pesar da lentidão do tempo e do sinete de sombra que a tua despedida deixou na minha alma deserta, tudo, tudo me faz viver o momento em que te foste, como se a tua presença ficasse pegada a todas estas coisas e que ainda estivesses entre nós.

Porque não escreves? Com esta—já lhe perdi a conta—são mais de vinte as cartas que te mandei. Conservo da tua lembrança, como um dever, além de tudo, da exaltação da minha memória e do meu amor, este desejo constante de te escrever, unica maneira que tenho, agora, para comunicar contigo...

E tu, lembra-te de mim?... Recordas-te, ao menos, das horas que vivemos... Lembra-te dos pinheirais imensos, canção esgula de sombras verdes, como enormes monges que entoaem, solemnes, um psalmo misterioso de véroe e bruma, por onde passamos horas felizes?... E ainda tens na memoria a manhã cinzenta em que te fiz sentir todo o cachoar intenso da minha paixão de fogo?...

Apaixonadamente, meu amor, evoco essa hora de magia em que loucamente florimos a expressão sublime e doirada do nosso enorme amor! Tudo me fala desse momento-azul em que ao longe o sol mordida os pincares de uma serra coalhada de sombras e o ar tímido do vento, zenindo suavemente e fazendo erguer as catadupas do teu cabelo de azinhavre em brasa... Longe—lembras-te—os pavões do parque davam gritos e da sombra das coisas saíam expressões medrosas que eram—hoje compreendo—como avisos da desgraça que havia de tombar sobre a minha alegria de então...

Escreve. Diz-me ao menos que ainda não esqueste o meu amor. E promete-me que has de voltar um dia para inundares com o sol da tua presença a gélida penumbra em que me deixastes ficar, quasi sem esperanças e sem alma...

DA RESPOSTA Á PRIMEIRA CARTA

...Não sei quando voltarei. Talvez que nunca mais. Talvez que muito em breve. Nada sei de mim, nem de nada. Vivo febril como que em continuo naufragio sem sol nem lua, entre ondas imensas umas vezes, e outras na mansidão intermina de uma planície calva onde não boia o vento. Não, não te sei dizer nada...

Não tenho escripto porque a minha vida tem sido um perpetuo remorso. Vou falar franca-



ves, tão fria, tão longinqua e tão diferente. Parece que uma poeira de tempo envolve o nosso passado como se fossemos simplesmente sombras, falando de seculos antigos. Não te compreendo! Lembra-me ainda dos teus olhos fundos como cisternas, desses teus olhos que me deram, em brilhos estranhos, a confirmação dos fremitos do teu corpo! E mudas então assim. Esqueces juramentos, deitas para longe todos os compromissos que tomamos sob a torrente das nossas emoções...

Tambem não sabia que tinhas segredos de familia... Que alem dos sentimentos leviaos os tinhas de vaidade...

DE UMA OUTRA CARTA

...Tenho a dar-te grandes novidades. A Maria Luiza anda agora com a cabeça povoada por novos amores. Anda embebida pelo seu novo sonho. Há dias disse-me que te tinha escrito cortando contigo. E' verdade?

Qualquer dia vou por aí abaixo e passarei—se me quizeres lá receber—uns dias em tua casa...

A MANEIRA DE EPILOGO

Estes fragmentos de cartas são os principais elementos que tenho para reconstruir a tragedia.

Embora não digam nada de concreto, há, no entanto, uma certeza: um conflito amoroso, nascido de uma ausencia e por fim, por um rompimento que é comentado por uma outra pessoa.

Mas o mais formidavel documento que me fez lua sobre esta tragedia de há anos—tragedia que tocou alguém de minha familia que em uma hora negra se deixou morder por uma vibora—foi uma folha de um diario que o acaso me fez encontrar no esconderijo de uma papelera. Dizia assim:

«Hoje que tenho a certeza de não poder voltar e que sei o grande amor—perdida para sempre pois já nem posso olhar, sequer, as minhas mãos—vou deixar que a aspide morda o meu pecto para que a morte cerre para sempre os meus olhos cansados de pecadora... Tenho ali a mão o estojo onde guardei a morte, esperando esta hora tão cinzenta de abandono...»

Os fragmentos das cartas e esta folha do diario lançaram luz no meu espirito. Foi por esses detalhes que eu consegui reconstruir a scena do suicidio de minha avó materna e o segredo daquelle estojo vermelho que está num canto da sala da nossa casa da provincia...

O Estojo Vermelho

Novela inédita por ANA VIRGINIA

Onde o leitor verá, nos fragmentos das cartas que compõem esta pequena narrativa, uma tragedia como há muitas, mas que evoca, pelo seu desfecho, uma outra de hora antiga e longinqua e de esmagadora desdita.

mente. Devemos esquecer aquelas horas verdadeiras, sinceras—acredito—mas tontas de sonambulismo e erradas para a vida e para Deus. Perdôa. A minha solidão deu-me reflexão que ahí me faltava. Não, não devo continuar a fazer-te acreditar um sentimento que não passou de uma nuvem para mim e de um clarão de fogueira, passageiro, para ti... Não penses mais em mim. Agora vou ver se consigo reabilitar-me...

Falando de outro assumpto, pasmo da tua curiosidade em me perguntares novamente o que contem o meu secreto estojo vermelho?... Tambem te não faço a vontade. E' um segredo de familia. Desculpa mas não posso dizer. Talvez um dia saibas...

DA SEGUNDA CARTA

...Pasmo de ti e da forma como me escre-

ANA VIRGINIA



A final do Campeonato de RUGBY de Lisboa

FALAR sobre desporto—começa a ser tarefa difícil. Difícil—e também ingrata. Porque muito vai já perdido na ideia de agrupar as gentes moças e colocá-las em nobre e leal luta de competição por meio de exercícios físicos. O desporto, apregoada escola de virtudes civicas, metodo famoso de trazer os rapazes para a vida ao ar livre, estimular entre eles os laços de camaradagem e proporcionar-lhes o ensejo de distenderem os musculos, encherem os pulmões de ar puro e apurarem as suas faculdades de destreza, de intelligencia, de acção rapida, de imperio sobre si proprios, isto a par dum escrupulosa correcção e dum irrepreensivel cavalheirismo—são tudo coisas que se tem perdido pouco a pouco, ingloriamente, e que se perdem tanto mais rapidamente quanto maior seja o grau de desenvolvimento de determinada modalidade.

EM CIMA:—Uma bela passagem do Dr. Salazar Carreira.

A' ESQUERDA:—Placado com alma, Figueiredo cai e larga o balón.

Por enquanto—é o foot-ball o desporto que oferece a nossos olhos o espectáculo mais desolador e que mais eloquentemente nega os fundamentos da ideia desportiva.

A deslealdade, a incorrecção, a mais absoluta falta de nobreza, campelam, infrenes, nos campos onde o popular desporto aparece a exhibir-se. Os interesses mesquinhos, as cabalas indecorosas forjadas nas secretarias dos clubs e na propria Associação, tem nos terrenos de jogo a sua sequencia lamentavel, por entre o estrugir das paixões dum publico intolerante e mal educado.

Entretanto, os clubs de desporto todos se ufanam sempre que os poderes publicos se lembram de conceder-lhes um diploma que os reconheça como instituições de utilidade publica!

Instituições de utilidade publica!—os clubs cujos representantes vão para o campo proferir obscenidades e fazer gestos indecorosos para o publico! Instituições de utilidade publica!—os clubs cujos representantes não dão a mais ligeira prova de educação, cujos representantes mostram apenas as suas pessimas qualidades de incorrectos e indisciplinados! Instituições de utilidade publica!—os clubs cujos representantes passam grande parte do tempo dos jogos a esboçar gestos de opressão e arremessos indignos, isto quando não levam mais longe os seus instinctos de maldade e desordem! Instituições



A' DIREITA:—Cayola, placado e empurrado, cai de sociedade com dois jogadores do Ginasio ante o espanto de Henriques pouco disposto a intervir.

EM BAIXO:—O nosso camarada Alberto Freitas que arbitrou o encontro com os capitães dos dois «quinzes» Xavier de Araujo e o Dr. Salazar Carreira.

(Fotos Ferreira da Cunha)





Uma animada fase do jogo.

EM CIMA:—Depois do encontro. A taça é entregue ao capitão do team vencedor ante o entusiasmo do publico. **EM BAIXO**, à direita:—Uma fase que mostra o entusiasmo que o Ginasio pôz na luta que lhe asseguraria a Victoria.—(Fotos Ferreira da Cunha).

ções de utilidade publica, os clubes que não sabem defrontar-se no terreno desportivo, sem que quasi haja necessidade de fazer uma mobilização da força armada e cujas exhibições teem de fazer-se, por vezes, entre balonetas! Instituições de utilidade publica!—os clubes cuja Associação oferece os aspectos mais edificantes da falta de aprumo e de respeito proprio!

Vamos, senhores! Tudo isto é «blague». E, de duas, uma: Ou acaba-se com a «blague» e dá-se ao foot-ball as suas características de desporto—ou declara-se abertamente a falencia dos clubes de foot-ball e fecham-se as suas portas, antes que as autoridades mandem encerrá-las—por decoro da Sociedade e... exigencia de utilidade publica!

O ultimo domingo, foi fertil em provas desportivas. Em rugby, disputou-se a final do Campeonato de Lisboa, para a qual estavam classificados o Sporting Club de Portugal e o Ginasio Club Português. Os «leões» obtiveram um bom triunfo, e o jogo, a despeito de tratar-se duma «final», foi caracterizado por uma correcção muito agradável de registrar.

Em foot-ball, os Campeonatos seguiram o seu curso, sem incidentes de maior, tendo-se registado vitorias do Sporting, Belenenses, Benfica, e Casa-Pia, respectivamente sobre Chelas, Carcavelinhos, Bom Sucesso e União Lisboa.

No proximo domingo, realiza-se a ultima jornada do Campeonato—ultima segundo o calendario de jogos, porque o encontro Belenenses-Sporting pode dar ensejo a que outro jogo se efectue. Isto no caso do resultado ser favoravel aos «leões» e uma aragem de bom senso impedir o Benfica de fazer os disparates que alguns dos seus elementos preconizam.

O Campeonato de Lisboa de hockey em campo, teve tambem
(Continuação na pag. 10)



As duas equipes finalistas. A' ESQUERDA: O «15» do «Sporting Club de Portugal» que mais uma vez conseguiu a cabeça da classificação. A' DIREITA: O «15» do «Ginasio Club Português» segundo classificado.—(Fotos Ferreira da Cunha).



VIAGEM Á RODA DOS CINEMAS

Por LUIZ TEIXEIRA

ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

III

«Central» — Escola de Guerra

A campanha do «Central» prevenindo que vai começar a sessão sôa como um toque de clarim escutado de calcanhares unidos pelos cadetes e alferes que frequentam o cinema do Palácio Foz em noites de estreia. Os rapazes da Escola de Guerra estão nas filas do balcão, nos fauteuils, nas mesas do bar e, durante os intervalos, aparecem, em atitudes de conquista, de «trincheira» vestida, ao «parapeito» dos camarotes, prontos para um «raid» sobre a «terra de ninguém» da vasta plateia com o monoculo audacioso fitando

ção. Ginastica, tropas perfiladas, o desassombro da nudez, a sinceridade dos sentimentos e a exteriorização das perturbações violentas e estranhas da alma da multidão.

Dita Parlo, Mosjouskine, Brigitte Helm, Frohlich, Lars Hanson, Willy Fritsch — estrelas e astros de Berlim, gente conhecida do publico do Central, nomes que «Raul Lopes Freire apresenta», caras dos bilhetes postais, dos cartazes e que aparecem em medalhão no alto do programa da semana como num retrato de pensamento a imagem da pessoa que se estima e se lembra com saudade...

No Central — como em todos os cafés e casas de habitação — ha uma grafonola que costuma gemer tristemente os tangos mais recentes, enquanto uma rapariga da plateia e o cadete mais proximo, recordam em longos olhares as horas encantadoras da ultima festa no Club Estefania... Estou a imaginar todo o caminho do flirt, o desenrolar daquela fita de amor que vai terminar bem, concerteza, com o pedido de casamento no dia da promoção ao posto immediato... viram-se pela primeira vez na paragem do Rossio e quando se encontraram casualmente semanas depois num baile do Club, já não foi necessaria a classica apresentação.

Danças sob o sorriso protector da mamã. As costumadas perguntas, as eternas frases com que se começa sempre o primeiro capitulo destas novelas curtas, e no fim, já depois dele saber que a rapariga mora num quarto andar de Almirante Reis, vem a infalivel combinação do encontro proximo:

— Vou todas as segundas-feiras ao «Central». Você não gosta das fitas alemãs?

E ela diz sempre que sim. Ha-de vencer a mãe a ir ver o filme da semana, e se ele conseguir o bilhete ao lado, é possível que a bondosa mamã se resolva a passar pelo sono enquanto a fita corre sem eles a olharem...

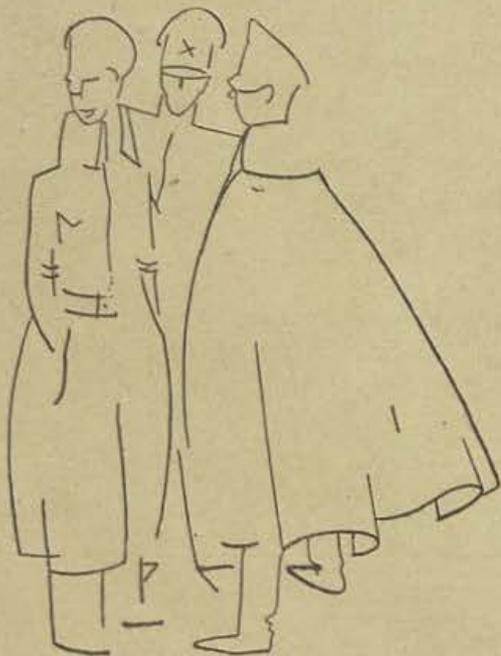
constituem o seu mais notavel assunto decorativo.

São a grande distração do publico feminino, do publico que vive dentro da caixa da plateia quasi sem outro horizonte que não seja o estuque branco do écran — lá no alto...

Da fila — O — dos fauteuils, onde o Pereira da bilheteira costuma marcar o meu lugar, vêm-se ainda num angulo da sala os ultimos camarotes que interessam sempre à objectiva da minha curiosidade. Já lá encontrei gente do Chiado, burguesas da Estrela, meninas das Avenidas Novas. E já lá vi o perfil duma mulher que fumava nos intervalos e num domingo uma familia provinciana com pai, mãe, filhas e dois meninos pequenos, a fazerem côro com a orquestra...

Talvez seja esta a caracteristica do «Central», a caracteristica que se destaca por não ser determinada por uma frequencia certa, com assinatura, com lugar marcado.

O que define o «Central», o apontamento que fica no meu bloco-notas de impressões de viagem, é precisamente a ausencia de caracteristicas especiais deste cinema, a não ser, é claro, o selo daquelas imagens de moços militares, todos pareci-



Intervalo

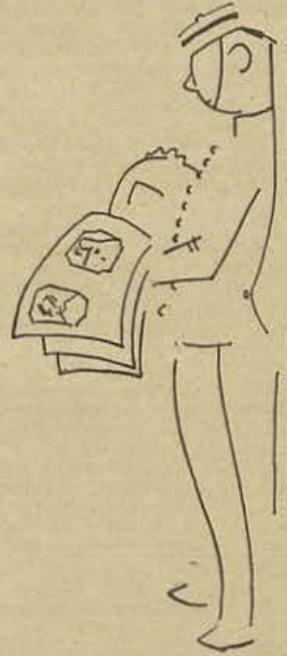
em ofensiva enquanto o Canhão dirige as operações da orquestra...

E toda a sala é para os cadetes e alferes, um autentico campo de manobras...

* * *

Fitas da U. F. A. no «écran» — uma farda branca da Guarda Imperial, um episódio de combate, grupo de girls em compasso certo, germanico, atentados, aventuras de espionagem, o amor d'«après-guerre», a logica nova dos casos de cora-

Ao contrario doutros cinemas lisboetas, o «Central» não tem publico certo que determine as caracteristicas do salão. As fardas bem talhadas da Escola Militar



Postais com retratos de artistas de cinema

dos uns com os outros — o mesmo garbo, a mesma preocupação de elegancia, o mesmo monoculo, a mesma atitude de conquista e todos com uma fotografia da Brigitte Helm no interior da cigarreira, para contemplarem durante as horas de aula e sonharem com o «Central», como um guerreiro sonha com a victoria...

LUIZ TEIXEIRA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

miscelanea feminina

Antes morta do que gorda — As mulheres na maçonaria inglesa — Os barbeiros de Viena de Austria passam um mau bocado.



MARIA Basecca era uma das alunas mais distintas da Universidade de Nova York. Parecia viver satisfeita, sempre alegre, sorridente às graças das suas companheiras e companheiros, que a troçavam p r causa da sua desmedida gordura. Maria affectava não ligar importancia de maior à

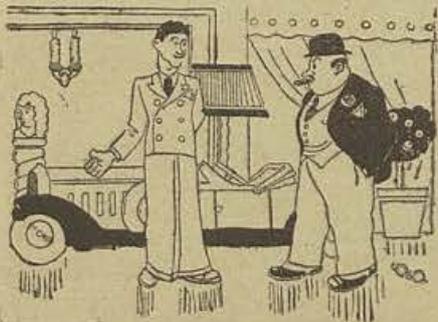
sua adiposidade sempre crescente. Pelo contrario, ria com aqueles e aquelas que da sua corpulencia se riam. Mas tal alegria era apenas aparente. A uma ou outra amiga mais intima confessava com lagrimas o desgosto de ser gorda. E elas, para a animar, diziam-lhe: «Não te rales, não te apoquentes: as pessoas gordas são sempre dotadas de excelente caracter». Mas, ao chegar a casa, quando se via tão obesa, não era a alegria mas a tristeza e o desespero que dela se apovavam.

Odiava os vestidos da moda que às outras raparigas tão bem ficavam e que dela só contribuíam para fazer realçar as suas corpulentas formas. Exgotou todos os medicamentos que via anunciados como soberanamente eficazes para combater a obesidade. Resultados negativos. Ineficaz foi igualmente a ginastica executada ao deitar-se e ao levantar-se da cama. Roubou muitas horas ao sono; sacrificou o estomago a uma alimentação deficiente, da qual foram inexoravelmente expurgadas as guloseimas e pitéus, mas o supplicio torturante manteve-se. Da dieta, da falta de descanso, de tratamento adequado, os resultados traduziram-se em alguns quilos de pezo a mais.

Maria continuava a sorrir aos seus companheiros e companheiras, mas o coração sangrava-lhe. Tomou uma resolução desesperada. A vida assim era-lhe fardo impossivel de suportar. E numa manhã do mês passado, o pai foi encontra-la caída no chão, morta, já fria, enteiriçada, tendo nos labios o sorriso da libertação, da libertação daquela maldita gordura. Suicidara-se e, numa carta, a infortunada explicava que lhe era impossivel continuar a viver atormentada a toda a hora e a todo o instante com o desejo impossivel de emagrecer. Esgotara todos os recursos. Perdoassem-lhe os pais a resolução. Morria satisfeita... pois deixava de ser gorda.

Felizmente que nem todos os gordos e gordas assim pensam, porque, então, o caso assumiria o aspecto de verdadeira hecatombe.

HUMORISMO



—O que prefere V. Ex.ª? Sedan, Limousine, Torpedo...

—Nada, nada disso! O que eu quero é um automovel...



curiosidade impele a mulher a todos os extremos. O medo, o receio, o proprio terror, longe de deterem, levam o espirito feminino, avido de aventuras, de emoções, a toda a parte, aos ultimos reductos onde até ha pouco só o homem pontificava. Que admira, portanto, que com

o triunfo estrondoso do Feminismo no seculo actual a mulher se não tenha sentido tentada a ir desvendar os misterios da Maçonaria? E conseguiu ver triunfar o seu desejo, a ponto da Maçonaria britanica se ver hoje seriamente ameaçada pelas organizações maçônicas femininas. Senhora da politica, em diversas nações, conquistando uma posição na Maçonaria, como acabamos de dizer, a mulher pretende tambem, agora, exercer a religião, como sucede na Noruega. Porque motivo só aos homens assiste o direito de tratar das almas e conduzi-las ao Paraizo? A sacerdotisa vale bem o sacerdote. Se ha santos e santas no calendario catolico, se ha frades e freiras nos conventos, porque não poderá tambem ser confiada a mulher a missão do padre catolico ou protestante? A questão debate-se em terras do rei Haakon e de prever é um triunfo proximo da mulher dentro da religião evangelica.

Entretanto, a questão maçônica assume particular acuidade em Inglaterra. Os maçons ortodoxos combatem, naturalmente, as organizações que admitem as mulheres em seu seio, mas são estas organizações, como não podia deixar de ser, as que maior preponderancia alcançaram e nelas são verdadeiramente as mulheres que dominam. Os ortodoxos queimam os ultimos cartuxos, ameaçando expulsar das suas fileiras todos os membros da comunidade maçônica filiados nas lojas mixtas. Para se avaliar da importancia da mulher na Maçonaria inglesa actual, basta dizer-se que 95 por cento dos filiados nas lojas maçônicas mixtas, são mulheres.

Os ritos maçônicos estatuem varios actos e cerimoniaes tendentes a aquilatar do animo e coragem do iniciado. Balandrus, mascaras, espadas, pistolas, punhais, sangue em copos, caveiras, todo um arsenal de terror, toda uma mascarada tétrica é posta em jogo, quando de uma iniciação maçônica. E bastaria só isto para seduzir o espirito feminino, a ponto de se hoje a mulher quem nas lojas maçônicas britanicas dá a lei... embora isto peze aos ortodoxos maçônicos de todo o mundo, detentores dos velhos papirus e das velhas mascaradas da velha Maçonaria.

LER NESTE NUMERO E NOS SEGUINTE:

8 dias sem dinheiro fazendo de vadio

por MARIO DOMINGUES

VIDAL 53 RUA RIVERA APRESENTA A SUA NOVA COLECCAO DE **GRAVATAS**



VIENA, a antiga capital dos Habsburgos, ha-de ser sempre a deliciosa cidade das operetas. Agora, são os Figaros da terra que estão em foco, caíndo sobre eles todo o odio das mulheres. Mas porque? E' o que vamos contar.

Desesperados os barbeiros e cabeleiros com a invasão das maquinas «Gilette» e semelhantes que rapam os queixos a qualquer com grande economia de tempo e de dinheiro, livrando-nos, ainda por cima, de uma sempre possivel infecção de resultados mais ou menos graves, decretaram esses senhores o regresso a barba a Guise, a Cristo e outras variedades, com bigodes de guias direitas ou encaracoladas, moda esta que, obvio se torna dizer, exigiria os cuidados artisticos de um profissional capilar.

Ora foi assim que as mulheres novas e velhas feias e bonitas, entenderam levantar o seu protesto, afirmando que nada mais queriam com homens de bigode e pera. A repulsa que juram sentir por queixos e labios peludos é uma coisa, dizem elas, que por palavras são incapazes de explicar. Sente-se mas não se traduz. Portanto, todo e qualquer que se sujeita a essa «estúpida» moda, ficará sabendo que deixa de estar, ou não poderá cair, nas boas graças das formosas mulheres de Viena. Os rostos glabros sim, esses serão adorados. E para fazerem resaltar o seu espirito de independencia, as mulheres delaram quando os mesmos cabeleiros as quiserem persuadir a deixar crescer um pouco os cabelos para depois terem de os frisar quase diariamente, elas a tal se recusarão, porque vêem nessa moda, como agora tambem estão vendo, o mesquinho interesse dos «negregrados» Figaros, com prejuizo da estética e da beleza. Por isso a moda dos cabelos, tal como fez furor ha quatro a cinco anos, mantem-se em Viena de Austria, com grande desespere dos cabeleiros.

Estão, portanto, os Figaros no desagrado das damas vieneses. Parece-nos, porem, que estas não deverão levar mais longa a lucta iracunda. O desespere inexcedivel dos barbeiros e cabeleiros não seria cada qual cortar o cabelo ou rapar as barbas, mas sim deixa-los crescer por forma que nunca mais sentissem navalha ou tesoura e é isso, decerto, o que as formosas mulheres de Viena não queriam... como acabam de provar.

SAUL TOPASBA

HUMORISMO



—Qui te disse a Maria quando te viu dançar com o marido?

—Qui não sabia que ele dançava...

O Centenario de João de Deus em Faro



A' ESQUERDA:— Inauguração do monumento ao poeta João de Deus vendo-se, parando, um dos aeroplanos que tomaram parte nos festejos.

A' DIREITA:—Um aspecto da multidão quando do descerramento do monumento.



Os estudantes do Liceu puzeram, com as suas capas negras, uma nota de respeito ao grande pedagogo que foi João de Deus.

(Fotos Nedel)



Homenagem ao grande poeta

Faro, a linda cidade do Algarve, tem já um monumento ao sublime auctor do «Campo de Flores» e da «Cartilha Maternal». As nossas fotografias mostram alguns aspectos dos festejos comemorando o primeiro aniversario do nascimento de João de Deus, que decorreram com grande brilho como se pode avaliar por nossas gravuras.



O PERIGO DAS VELOCIDADES

Estado em que ficou um automovel na estrada Evora-Mourão. Neste desastre morreram duas pessoas e ficaram gravemente feridas outras duas.



FUMEM «SPUD» MENTOLADOS
— OS UNICOS VERDADEIROS —

Sezimbra terra de pescadores



precisa
dum
porto de
abrigo

A velha e debatida questão do porto de abrigo em Sezimbra está sendo defendida de novo junto do sr. Ministro do Comércio que parece estar nas melhores disposições de atender à justa pretensão.

É que Sezimbra tem hoje dois mil e trezentos pescadores que com um total de setecentos e cinquenta embarcações, realizam anualmente uma media de 12.000 contos.

O porto de abrigo é uma antiga aspiração, que será talvez dentro em breve uma bela realidade.

Em 1921 foi elaborado um novo projecto de molhe, com o comprimento de 181 metros, tendo-se construido já perto de 50 metros.

Este melhoramento ficou-o devendo Sezimbra ao antigo e malgrado do presidente do ministerio sr. dr. Antonio Granjo.

Para conclusão das obras indispensaveis deste porto que é o quinto do pais, são necessarios 3.000 contos. E o Estado certamente não nega uma verba cuja applicação trará num futuro proximo, consideraveis beneficios.

As nossas gravuras dão-nos aspectos flagrantés do temporal do dia: nas duas primeiras, vemos-se embarcações chegando difficilmente á praia açoitadas nas vagas enormes e a terceira mostra-nos um aspecto da praia á tarde depois de varados todos os barcos.



A REINTEGRAÇÃO DO TEATRO NACIONAL

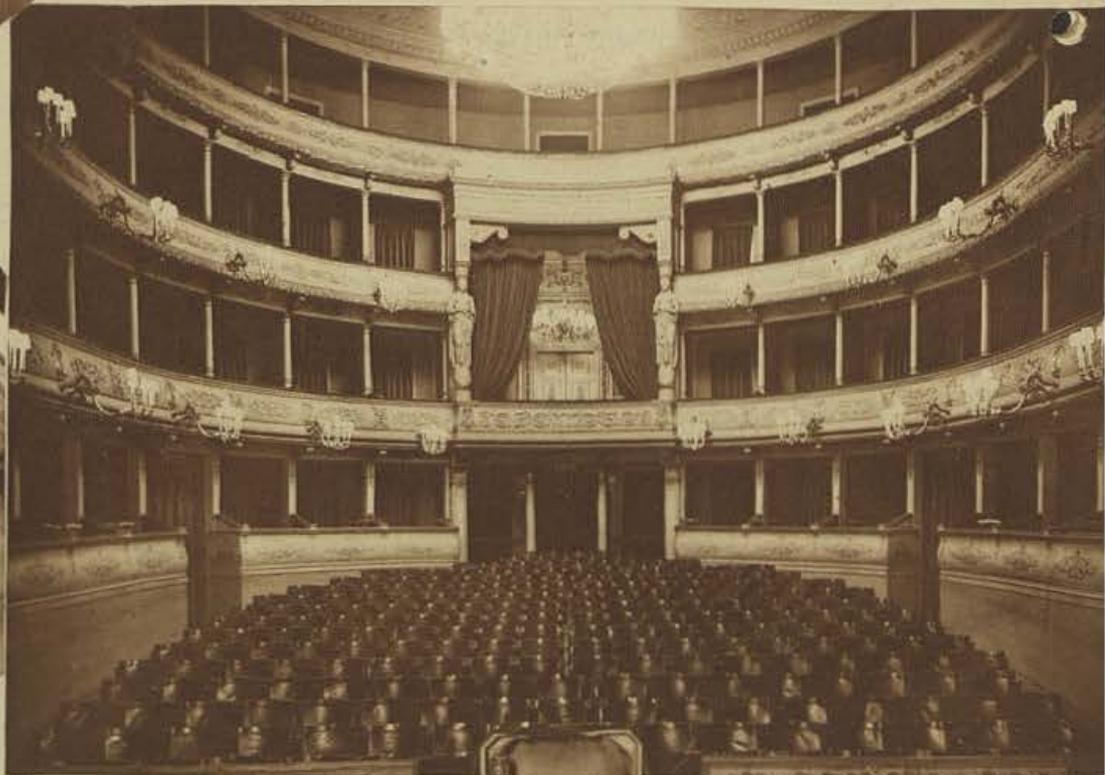


**P o r
Amelia
R e y
C o l a ç o**

SOB a direcção da grande artista que é Amelia Rey Colaço—artista que em tudo se revela superior—passou o Teatro Nacional Almeida Garrett por uma transformação completa.



EM CIMA:—O frontão do Teatro Nacional — A' ESQUERDA:—Num dos modernos camarins—À DIREITA:—Agora, a bilheteira, já não é na rua... — EM BAIXO:—A fachada—A sala de espectáculos de uma arquitetura serena e admirável.





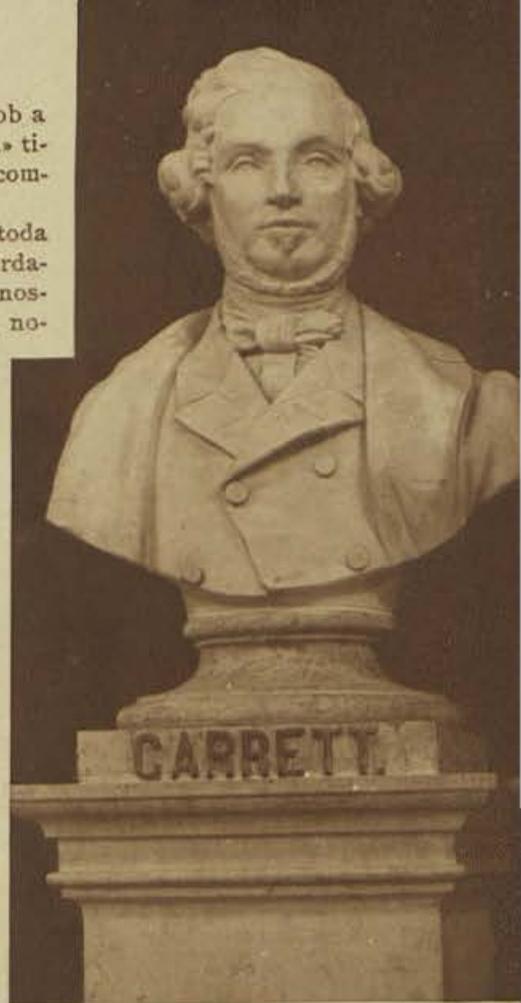
EM CIMA:—Antes de entrar em scena...—EM BAIXO:—
O novo «bar», realisado pelo espirito moderno do pintor
Antonio Soares—A' DIREITA:—O «foyer» dos artistas.—
(«Fotos» Ferreira da Cunha).



Acabou-se a antiga bilheteira, sob a arcaria, onde o publico, em «bicha» tinha, ao vento e á chuva, que ir comprar bilhetes.

Embelezou-se a linda sala e em toda a parte, esteticamente, com um verdadeiro sentido da importancia do nosso primeiro teatro de declamação, notas de bom gosto surgiram animando a vista e bem dispondo todos—espectadores e artistas. Do espirito moderno do pintor Antonio Soares surgiu o interessante e doirado «bar» pedaço cheio de arte que substituiu o antigo bufete bafiento e fóra de moda... Emfim, pelas nossas gravuras os leitores avaliarão melhor que por palavras a obra que a grande artista está realisando na casa de Garrett.

Assim começa a tomar-se a serio o Teatro Nacional.



EM CIMA:
—O busto de Garrett, patrono do Teatro.
EM BAIXO:— No camarim de Amelia Rey Colaço. Fala a imprensa: Dr. Jorge de Faria e Alvaro de Andrade. Robles Monteiro escuta.





O JORNALISTA VAGABUNDO QUE PASSOU 8 DIAS E 8 NOITES SEM DINHEIRO

Conta ao leitor as suas impressões da miséria, e dos mistérios de Lisboa.

A jornada, desvendando os bairros quasi desconhecidos da maioria dos lisboetas.

A' gandaia!

Sem destino—As primeiras amarguras—O odio aos que se divertem—No restaurante Novo Dia—A primeira e escassa refeição—Em um antro nocturno—O Chico de Cascais e a sua generosidade—Um conflito com um marinheiro inglês—A segunda refeição: sardinhas fritas e um «caldinho»—A camuflagem do insecto.

PARA QUE SAIBAM OS DA VIDA FOLGADA E LIBERTA, COM ABRIGO CERTO E MESA FARTA, QUANTO E DURA A EXISTENCIA DOS QUE NAS GRANDES CIDADES, ARRASTAM FRIOS E FOMES NA LUTA PELO PÃO DE CADA DIA!



A' mercê do Destino, em noite de agua e de vento—Os primeiros latidos da fome...

MÃO gigantesca e invisível—talvez a mão tenebrosa do Destino—arrancou-me subitamente da memória todas as recordações do passado, substitua por uma personalidade de pária a minha anterior sensibilidade de jornalista e arremessou-me pobre, miseravelmente vestido—uma camisola de marítimo, um fato de ganga e uma boina reles—para a vagabundagem da capital.

Seriam pouco mais de nove horas da noite—uma noite fria e chuvosa de inverno—o dia teve a noção perfeita da minha nova situação: sem trabalho, sem abrigo e sem comer. Quem era eu? O Joaquim, o Joaquim vadio. Qual o meu destino? Um terrificante ponto de interrogação.

Num portal de São Paulo, contemplando a chuva que tombava persistente, monótona, dando ao empedrado da rua um brilho de espelho quebrado em mil pedaços, meditei amargurado sobre a minha situação dolorosa. No relógio da igreja badalaram horas que tiveram o condão de me arrancar ao torpor em que mergulhara.

Abandonei então o portal, mãos nos bolsos, friorento, encolhido sob a chuva impiedosa, e segui cosido com a parede, ruza fora. De certo «cabarets», juntamente com uma onda de luz, saiam as notas descompassadas de um «jazz band».

Espreitei para o interior; dispersa por mesas de ferro branco havia uma multidão que tomava bebidas, contente, feliz. Odeei essa multidão, num subito rancor de homem que se sentia desapossado dos direitos à ventura, por outros que se esqueciam de mim, que se lembravam de que eu, àquela hora, ainda não tinha jantado e não sabia se teria que passar aquela noite horrivelmente fria encolhido em qualquer portal ou vão de escada.

«Dois tintos» e «meia económica» — Nas «lascas» também ha «leis» — Pescador por um triz.

Revoltado, prossegui em minha marcha incerta. Tomei pela rua dos Remolares, sombria, cortei depois à direita, por detrás do edificio da Assistência aos Tuberculosos. É uma rua cheia de tabernas, pequenos restaurantes sordidos, de onde saia por vezes um perturbante cheiro a frituras. Tomei alento e penetrei em uma dessas tabernas. Era o Restaurante Novo Dia. Lá dentro uma multidão ruidosa, palradora, de marítimos, descarregadores, fragateiros, esbracejava e bebia. Em uma parede lia-se este letreiro que denunciava o proposito de boa ordem do dono da casa: «Os que se sentarem com as pernas para fora pagam um litro de vinho». Ao balcão, uma galega magra discutia agastada com um marítimo. «Quem não sabe beber vinho bebe... agua» — dizia-lhe ella em voz sibilante. Lá para o fundo, sentados a largas mesas de tempo de marçom, alguns homens comiam.

Andei hesitante por entre a multidão, que não me conhecia, que eu não conhecia tampouco, com a fagueira esperança de encontrar quem me socorresse. Esmola não me atrevia a pedir, naqueles primeiros passos de vagabundo. No entanto, um marítimo de camisa de riscado e boina como a minha, face queimada, trigueira,

de angulos duros, energicos, inspirou-me subita confiança.

—O camarada—disse-lhe eu em voz sumida, medrosa—não conhece, por acaso, algum sitio onde se possa arranjar trabalho?

O homem examinou com viva curiosidade todo o meu aspecto de pária; o fato de ganga roto e enodado, a camisola branca que de suja parecia amarela, a cara triste de barba mal cuidada.

—E em que se emprega Vocemecê?—inquiriu ele após o rápido exame.

—Eu era pintor e trabalhava no Porto—respondi.—Mas como o trabalho por lá é cada vez menos, vim para Lisboa julgando que aqui me poderia empregar com mais facilidade.

—O diabo, nisso é que Vocemecê andou mal—disse-me o marítimo—porque isto por cá está pior do que lá.

Tambem me parece—concordei, amargurado—porque tenho corrido tudo e não há forma de arranjar qualquer coisa.

—Se Vocemecê me tem aparecido hoje de manhã—disse-me ele ainda—tinha-lhe arranjado lugar num barco de pesca, sempre seriam uns oito ou quinze dias, pelo menos a quinze «palaços» cada um.

—Ora, veja a minha pouca sorte—lamentei eu.—Não sei o que hei de fazer à minha vida.

E baixando a voz em tom de confidência e lastima:

—Imagine Vocemecê que ainda hoje não tomei nada.

—Isso é que é mau...—murmurou o marítimo condóido.—Mas tome um copo de vinho... O que quer uma «económica»?

O meu silencio foi a resposta mais eloquente. Então o marítimo acercou-se do balcão e pediu á galega dois copos de vinho e meia «económica». Vieram uma tjeira de sopa de feijão com hortaliça (a «económica»), que devorei num apice, e os dois copos de vinho tinto, um para mim, outro para ele.

—Olhe—la-me dizendo o meu generoso companheiro—vá vocemecê aparecendo por ahí porque ás vezes de um momento para o outro pode aparecer qualquer trabalho. Como é que vocemecê se chama?

—Joaquim... Joaquim «Mulato».—respondi eu.—E qual é o nome do camarada para eu o procurar?

—Moita, em perguntando pelo Moita toda a gente lhe diz quem é...

Agradeci-lhe e saí.

Um conflito internacional... — Galanteios de descarregadores — Uma alma generosa em um corpo de gigante.

Cá fóra a chuva aumentava de intensidade, tornando mais penosa a permanencia na rua. Vim quasi correndo procurar abrigo na taberna da esquina, uma pequena taberna frequentada pela fauna dos cais: caboverdeanos, marítimos, descarregadores de carvão mais negros do que os caboverdeanos, uma ou outra tolerada de baixa esfera, quasi sempre embriagada, e marítimos estrangeiros.

Quando entrei, junto do balcão, um marítimo português, tipo de fragateiro, camisola branca de lá, boina puxada para os olhos, pé descalço, discutia acaloradamente por monossilabos com um embarcado inglês. Tanto um como outro se viam em grande embaraço para se fazerem entender. De quando em quando, o português arrelhado agitava no ar o punho atético e dizia para os circunstantes:

—Não percebo o que este cão quer dizer.

E o inglês, embriagadissimo, balanceando o corpo, olhar morto, voz pastosa e sorriso imbecil nos labios, dizia:

—Oh, yes, mim não gostar mau camarada... —O «gajo» se calhar está-me a chamar mau camarada, mas eu arre-bento-lhe com o focinho.

E via-se que o português, o Chico como alguns miseráveis de casco roto, uns de fato de ganga outros; lhe chamavam, seria muito competente de realizar a ameaça.

Emquanto eles questionavam, a uma mesa do canto, dois descarregadores de carvão, cobertas as faces de poeira negra, faziam namoro a uma

mulher de chale. Quando os madrigais deles eram mais obscenos, soltava ella uma gargalhada alegre, ruidosa, e pedia que lhe pagassem mais um «caldinho» — bebida composta de vinho tinto, café, canela e assucar. Eles não eram generosos e faziam-se rogados no pagamento, mas ella, uma quarentona sabida, com sua «coquetterie» de vicela sordida sempre in-conseguido os seus intentos.

O inglês saiu, por fim, cambaleando desastrosamente e desapareceu na noite. O Chico ficou junto do balcão a rosnar improperios.

—Deixa-te estar—asseverava elle—que ainda te hei de caçar esta noite.

E voltando-se para mim, numa necessidade de desabafo, disse-me:

—Não sei se vocemecê percebeia o que elle estava a dizer. Eu cá não sei inglês, mas bem «manqueia» que o «gajo» me e estava a chamar mau camarada.

«Português não «good», dizia elle, um malandro a quem já esta noite enchi o «bandulho» de copos de vinho e que apezar de ter a algeibra cheia de «notas», que eu bem lhas «toquei», não teve coragem de me pagar um copo.

Um «caldinho» original — Tu cá tu lá com o Chico de Cascais... — Sardinhas comidadas à unha.

Não era antipatico o Chico de Cascais, como lhe chamavam por ahí. Presentia-se uma grande franqueza através das suas palavras rudes. Alto como uma torre, largo de ombros, gigantesco, falava-nos lá das alturas para onde eu tinha constantemente de erguer a cabeça de simples pigmeu. Tomava-me um seu igual e num rasgo de boa camaradagem perguntou-me se queria tomar alguma coisa.

Acceitei um «caldinho» de agradável sabor a canela e reconfortante para o estomago debilitado. Tive porem, a prudencia de lhe confessar que não me era possível retribuir a amabilidade porque me encontrava desempregado e sem vintem.

—Homem, lá por isso não há de haver novidade—respondeu elle batendo-me no ombro uma forte palmada amigavel.—Coma você umas sardinhas fritas...

E voltando-se para o dono da casa:

—O' patrão, chegue aqui umas sardinhas e pão.

Abancamos a uma mesa de ferro, junto dos descarregadores de carvão e da tolerada, conversando e comendo á mão as sardinhas um pouco salgadas.

—Vocemecê é de Cabo Verde, «intês ia apostar» —disse-me, metendo para a boca uma sardinha inteira, mastigando cabeça, espinha e tudo.

—Não, sou da ilha do Pricipe e vim de lá muito pequeno. Tenho estado no Porto e vim agora para Lisboa para arranjar trabalho. Mas isto vai muito mal... A crise é enorme...

Contei-lhe então em voz emocionada a minha tragédia. Ele escutou-me com comovida atenção. Realmente as cousas iam mal, não porque elle tivesse razão de queixa. Era de Cascais e por lá se ia governando. Trabalho não lhe faltava, ou na traírcira de pesca ou nisto ou naquello outro lá ia ganhando para o «taxo» e até para umas parodiasinhas em Lisboa.

Quando terminamos a refeição de sardinhas e pão, que devorei com apeteite, estavam amigos. «O' Chico para aqui, O' Joaquim para acolá».



Na casa de pasto «Novo-Dia», ao cheiro de alguma coisa que se coma...

Compreendi que elle se encontrava na disposição de se divertir. Pagou a despesa e disse-me travando-me o braço:

—Eu cá hoje não me deito, tenho que ir para Cascais no primeiro comboio da manhã. Vamos até ahí defronte à letaria tomar um calice de aguardente que cai que nem ginjas...

E artastou-me. Entretanto, sob a chuva persistente eu perguntava alarimado qual seria o meu destino nessa noite.

MARIO DOMINGUES



LER NO PROXIMO NUMERO A II JORNADA



As Miniaturas

Uma interessante exposição reveladora do talento da grande artista que é Maria de Jesus Conceição Silva

A grande corrente dos miniaturistas do século XVII tem, em a Senhora Dona Maria de Jesus Conceição Silva, uma mais que interessante continuadora. Ilustre professora, filha do notável pedagogo que é o Dr. Conceição Silva, apresenta no Salão da interessante casa de pratas de arte de Augusto Luiz de Sousa, Lda., na Ruado Mundo, cincoenta trabalhos dignos de serem admirados pois, em realização de miniaturas é do melhor que temos visto, honrando a sua ilustre autora e o nosso paiz.

DE CIMA PARA BAIXO E DA ESQUERDA PARA A DIREITA:—Retrato do menino João Manuel de Sousa—Da menina Cecilia Colaço Menano—O cabeção de renda—Retrato da menina Elisa Leitão—Mater Dolorosa.



(«Foto» Ferreira da Cunha)

INDUSTRIAS REGIONAES A PROXIMA EXPOSIÇÃO DE RENDAS DE VILA DO CONDE

Esta progressiva e regional industria, ensinada na respectiva escola ás futuras operarias pelo illustre artista sr. Rui de Moraes Vaz, filho do grande pintor João Vaz, vai ser conhecida em Lisboa, numa interessante exposição, que se realisa no proximo dia 22, na casa Barbosa e Costa, ao Largo da Abegoaria.

A nossa gravura mostra um grupo de rendeiras trabalhando na artistica industria dos bilros.



PORTO

AS FESTAS DO ENTRUDO NO ORFEÃO LUSITANO

A nossa gravura mostra um aspecto da assistencia ao baile da Micarême realizado no passado dia 15 nesta interessante colectividade, baile que decorreu animadissimo.

(«Foto» Ferreira da Cunha).

Homenagem á memoria do dr. Antonio José de Almeida

Esta é a lapide que foi descerrada no dia 17 na residencia que foi do antigo Chefe do Estado.

*Nesta casa
viveu e em 31-10-1929 faleceu
o dr. Antonio José de Almeida
grande tribuno da Republica
presidente da União Sagrada
presidente de honra da
Comissão dos Padrões da Grande Guerra
Presidente da Republica
desde 5-1-1919 a 4-10-1923
Homenagem da Comissão
dos Padrões da Grande Guerra*

O nosso photographo focou a assistencia ao piedoso acto.



COMO ABASTECER DE GAZ A NOSSA CASA?

Muitissimas vezes o gaz é admitido em casa como um parente pobre. Instala-se timidamente na cosinha, Emprega-se na casa de banho porque ahi não ha maneira de o fazer substituir, tão evidentes são as suas vantagens.

O gaz, portanto, merece mais atenções Não lh'as dispensamos sempre porque não sabemos servir-nos d'ele. E não avaliamos as numerosas applicações que ele pode ter em nossa casa.

Não estamos suficientemente familiarisados com o gaz. Na America, em Inglaterra... a maior parte das habitações estão completamente abastecidas de gaz.

Se considerarmos que os americanos são gente pratica e que os ingleses teem o culto do «home», comprehendemos que as suas preferencias não recahiram sobre o gaz senão por conveniencia.

E, todavia, a America é uma nação em que a electricidade não custa quasi nada e a Inglaterra é um paiz de carvões.

O gaz tem, em toda a casa, multiplas e interessantes applicações. Vamos indicar rapidamente os locais onde será vantajoso empregá-lo:

Primeiramente na cosinha, onde o elegante e pratico fogão de gaz substituirá o mo-vel sujo e incomodativo que é o fogão a carvão.

Em seguida, na casa de banho, onde, graças ao esquentador, se obterá, a todo o momento, dentro de 15 ou 20 minutos, um banho á temperatura desejada.

Se o esquentador é um aparelho distribuidor, poderemos distribuir, em toda a casa, a agua quente necessaria ás necessidades da cosinha, dos quartos de cama, etc.

Diz-se muitas vezes: o aquecimento a gaz custa caro... E' porque, em geral, se applica de maneira defeituosa.

O gaz será sempre vantajosamente empregado para aquecer as cosinhas, as casas de banho, os quartos de dormir, os escriptorios, as salas de espera, de recepção... numa palavra, as dependencias duma casa que só são habitadas durante uma parte do dia

MUITISSIMAS VEZES...

MAIS ATENÇÕES.

EM ALGUMAS TERRAS
O GAZ E' REL.

NA COSINHA.

NA CASA DE BANHO.

A AGUA QUENTE.

O GAZ AQUECE.



O GAZ COSE

Os ultimos ecos do Carnaval



Maria Emilia e Maria Luiza Barros Bivar



Maria Helena Gomes da Costa.



Jorge Tenorio Mattias.



Paulo Sequeira.



Maria de Lourdes Tenorio.



Um grupo de Beis.



Antonio Luiz Cerveira.



Maria Isabel de Sousa.



João Galante da Veiga.



Maria Fernanda Saigedo.



Oriando Alves dos Santos.



Jorge Manoel da Silva Paula.



Idalina H. Pinto.



Ana H. Pinto.



Manoel Matroco, 5.º premio da Sociedade Eborense.



ULTIMOS ecos do Entrudo como serpentinas lançadas ao vento, em plena Quaresma, estes retratos são as ultimas notas perdidas do jazz do carnaval que passou. São os derradeiros documentos que nos lembram, com as creanças, as notas mais ou menos curiosas dessa quadra de folia...

A' ESQUERDA:

Ana Maria e Maria de Lourdes Berneaud Cayola.

A' DIREITA:

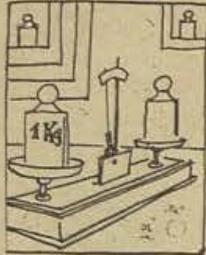
As festas carnavalescas na Concentração 24 de Agosto.



ECOS, NOTICIAS E CURIOSIDADES

Pesos e medidas

POR ocasião da Conferência Internacional de Pesos e Medidas, realizada em Paris, os delegados das 32 nações que nela estavam representadas, foram visitar os «padrões» do metro e do quilograma, depositados no pavilhão de Sèvres. Ali se guardam os três metros prototipos, com os quais se confrontam os metros oficiais, em platina. Para dar por bons os metros usuais é preciso que os erros, as diferenças com os «padrões», não excedam algumas centésimas de milímetros. A caixa onde se guardam os «padrões» do metro contém também quatro prototipos do quilo igualmente em platina. O primeiro destes quatro padrões serve para comparar de dez em dez



anos, o quilograma oficial em uso, que está guardado numa sala à parte. Como o facto de se mexer nos «padrões» ocasiona diminuições de peso, ainda que estas não excedam centésimas de miligramas, resolveu-se que este primeiro prototipo se confronte com o segundo, apenas de cem em cem anos. O segundo, por sua vez, só será comparado com o terceiro de mil em mil anos, e o terceiro será comparado com o quarto de dez mil em dez mil anos...

A' Companhia Carris

NO dia seguinte àquele em que se realizou a procissão do Senhor dos Passos da Graça, dois empregados dos electricos—um guarda-freio e um condutor—numa paragem «terminus»—de linha, referiam-se, entre gargalhadas e nos termos mais grosseiros e irreverentes, à piedosa cerimonia. Por um acaso infeliz, no carro estavam só umas senhoras e um cavalheiro que sorriu com as pesadissimas graçaças daqueles livres «pensadores» sem sombra de educação. Ninguém, portanto, deu a devida correção aos homenzinhos. Como o não desejamos prejudicá-los nos seus interesses materiais—os unicos por eles apreciados—não indicamos os seus números, mas lembramos à gerência da Carris quanto seria conveniente fazer publicar uma ordem de serviço recomendando aos seus empregados para se absterem de, em alta grita e por palavras bem pouco escolhidas, fazerem comentários ofensivos das crenças de muitos milhares de portugueses.



Simplicidade admirável

A notícia merece comentário. Em Mourinho, a criada dum professor oficial, resolveu envenenar os padrões por uma razão que ela explica, com a mais admirável simplicidade: «Tinha saudades da família, mas, se me fôsse embora sem um motivo, as minhas amigas lá da terra fariam troça de mim. Minha família, com certeza, também me ralharia. Lembrei-me, então, de envenenar os senhores para assim, poder aparecer na terra e dizer: vim-me embora, porque os meus padrões morreram!» Este



espírito de simplificação que encontra num duplo assassinato o melhor pretexto para abandonar os padrões, é de arrepiante grandesa. Não se sabe o que mais se admire: a limpeza com que iam ser varridos da vida dois personagens ligeiramente importunos se o paradoxal amor familiar que provocava «saudades» dentro daque-

la alma sem «nuances», toda feita duma só peça... Que estranho e complexo maquinismo o do coração humano! E, em face de tão primitiva simplicidade, quasi apetece ir defender aquela creadita alvar que deitava pasta fosforica na sopa dos padrões para ter o direito de regressar à terra, sem ouvir dichotes, risinhos e comentários... O peor é que, se nos fossemos oferecer para seu advogado, ela talvez desse cabo de nós, mais tarde, para não ter que agradecer ou pagar honorários... E isto sem maldade, só por espirito de simplificação!

Um belo gesto

O primeiro donativo que se recebeu para custear o monumento de João de Deus, agora inaugurado na mais importante praça de Faro, foi feito por uma senhora, modesta professora da Escola Movel de Brancanes, em Olhão. Esse donativo foi de dois mil escudos e custou o preço dum sacrificio, pois, para o poder entregar, a referida senhora foi obrigada a empentar todas as suas joias que, como se vê, estavam longe de ser ricas. Ensinando há anos pela cartilha João de Deus e dedicando ao poeta uma verdadeira adoração, a professora D. Maria Alves Cavaco entendeu que devia exteriorisar, por uma forma prática, o seu amor por aquele que lhe facilitara a sua doce missão de educadora. Quantas de nós teriamos a coragem cívica dum gesto como este, que é de natureza



a só encontrar a devida recompensa na própria satisfação moral de quem o praticou? Para uma viagemzita, para uma festança qualquer, é vulgar empenharem-se as joias, mas, para homenagear um poeta, para expressar um reconhecimento que o bronze eternizará, isso já não está ao alcance de todos... Linda alma de mulher aquela onde floresceu um tão lindo impulso de amor!

Grandes males, grandes romédios

NA Academia de Medicina de Paris foram feitas, recentemente, duas communicações importantes e que interessam todos os médicos parisienses, neste momento. A primeira foi apresentada pelo Dr. J. Auclair, clinico duma sólida reputação de seriedade e que tem valiosas obras de literatura scientifica. O Dr. Auclair depois de longos estudos levados a cabo no silêncio de seu laboratório, julga ter descoberto uma nova vacina, que é ao mesmo tempo, preventiva e curativa da tuberculose. Sem querer alimentar esperanças ainda prematuras, os médicos atribuem importância às pesquisas scientificas realizadas pelo Dr. Auclair. A outra communicação diz tambem respeito à descoberta duma vacina e tem igualmente um interesse enorme. Parece que se descobriu a vacina con-

AS SUAS CARTAS

só serão *chitas* e distintas se usar os nossos papeis de cartas que são verdadeiros mimos de beleza, pela sua simplicidade, outros pela sua alta fantasia.

Possuimos uma variedade tão grande de qualidades e cores e em formatos tão modernos e originaes, que encanta a quem escreve e dá prazer a quem recebe.

E se V. Ex.^a reside na provincia, digamos aproximadamente o género, formato e cor que mais apreceita e enviar-lhe-hemos um papel que marcará na sua correspondência.

No nosso *stock* há tambem papeis com todos os monogramas, sinetes de fantasia, tintas de escrever em todas as cores, a dizer com os papeis e lacres nas mais finas nuances—Papeleria da Moda—167, Rua do Ouro, 173.

tra a peste pulmonar, doença que por vezes, assume caracter epidémico e tem sempre a maior gravidade. Contra a peste bubónica já diversas terapeuticas tem dado resultado, mas a localizaçao pestifera no pulmão estava fora do alcance de todos os recursos terapeuticos. A nova vacina faz-se por pulverisação repetida dela nas vias respiratórias superiores. As experiências tem sido coroadas do melhor éxito.

Um triunfo da fonografia

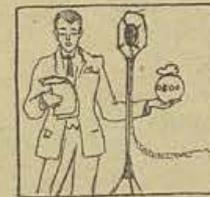
RECENTEMENTE, representando-se na Opera Comica de Paris a opereta «Roi d'Yvetot», foi muito admirada a poetica realisacão duma scena de amor nocturna, passada junto duma fonte. O canto enebriante dos rouxinóis acompanhava o terno dueto de amor, quebrando o silencio da campina normanda. O público estava habituado a ouvir, sempre que os rouxinóis entrevinham na reconstituição dum ambiente, certos assobios dados por um homenzinho que soprava para dentro dum pequeno recipiente de barro cheio de água.



Desta vez, porém, teve a mais agradável das surpresas, porque ouviu os mais harmoniosos e mais autênticos trinados, duma limpidez perfeitissima. Pensou-se se no palco haveria rouxinóis bem ensinados, capazes de tocar a horas certas. Não era isso mas cousa parecida. Tratava-se dum disco que fora impressionado nos jardins de madame Harrison pelos próprios cantores nocturnos. Um disco gravado electricamente permitiu, sem que os espectadores suspeitassem da intervenção dum maquinismo, reconstituir da maneira mais evocativa uma paisagem encantadora.

Não é mal pago...

O conhecido romancista francês Mauricio Dekobra acaba de receber uma oferta que não deixa de ser tentadora. O editor dum grande film sonoro chamado «Halleluia» realizado por King Vidor, oferece cem mil francos a Mauricio Dekobra por algumas palavras que levem cinco minutos a dizer e sirvam para apresentar a super-produção. Quere dizer isto que o romancista se aceita a proposta, receberá vinte mil francos por cada minuto ou seja, mais de dezasseis contos de reis por cada minuto de conversa... Não se pode dizer que seja excessivamente mal pago.



O tunel mais recto

PARECE não haver agora dúvidas sobre qual seja o mais direito tunel do mundo. É o grande tunel dos Apeninos, recentemente concluido, e pelo qual passa a linha de caminho de ferro mais directa a de Bolonha—Florença. Mede 18.510 metros e é inteiramente rectilíneo. A sua mais acentuada inclinação é de 5,77 por 1.000. Em comprimento, só há, em todo o mundo, um outro que o exceda: o tunel do Simplon. A sua construção foi começada em 1920. Foi necessário tirar 1.448.000 metros cúbicos de terra e fazer muros

com o comprimento de 423.000 metros. Na galeria subterrânea trabalhavam por dia, em média, 1.300 operários; nas obras exteriores, trabalhavam 550 operários. Para desfazer os rochedos, foram empregadas mais de 467 toneladas de dinamite. Todas as instalações mecánicas: perfuradoras, ventiladores, aparelhos de tracção, de iluminação, de defesa contra os gases, motores térmicos e electricos (duma potência total de 17.785 H. P.)



ANTHOLOGIA

GALGOS

Ao Dr. José Martins Barata.

*Os galgos galgam a alagada estrada**Em saltos, cobaltos, de livida sombra...**E a lua flutua, branca e marchetada,**Na marcha opiada e leve que assombra**Os risos dos guizos, pela estrada fóra,**Que meio desmaia, molhada de sombra...**E os galgos, galgam —olhos côm de amôra**—Junto da liteira, que ligeira corre**Na sombra opiada, pela estrada fóra...*

AUGUSTO FERREIRA GOMES

eram de fabrico italiano, com excepção dos compressores.

Os trabalhos da linha mais directa—a de Bolonha—Florença, começaram em 1913 pelo troço de Bolonha—Pianoro. Foram suspensos durante a guerra, recomçados logo depois, vagarosamente continuados até 1922 e activamente prosseguidos a partir desse ano. O conjunto da linha custará 1.150 milhões. A linha começará a ser utilizada no fim do proximo ano e permitirá que se vença em uma hora uma distancia em que se gastam agora duas horas e meia.

Uma opinião



lhar à noite, o sr. Tardieu teve esta pronta e lapidada resposta: «Entendo que as noites brancas fazem as idéas negras!...

Publicidade japonesa

OS japoneses, mestres na arte de criar imagens e figuras de estilo, estão naturalmente indicados para grandes propagandistas. A sua linguagem, cheia de metáforas, comparações e imagens, presta-se às mil maravilhas para tudo quanto seja publicidade sugestiva e convincente. Uma grande casa editora do Japão, anuncia da seguinte maneira os livros que tem à venda: Os leitores encontrarão na nossa casa as seguintes vantagens: 1.ª preços tão baratos como nos leilões; 2.ª livros tão elegantes como uma cantora; 3.ª impressão tão clara como o cristal; 4.ª papel tão resistente como a pele do elefante; 5.ª clientes tratados tão delicadamente como o são pelas companhias de transportes marítimos concorrentes; 6.ª mercadorias expeditas com a velocidade duma bala de espingarda; 7.ª encomendas cujas embalagens nos merecem tantos cuidados como os que uma esposa extremosa dispensa a seu marido».

CINEMA PORTUGUÊS

II

QUAL a maneira de conseguir que se produza em Portugal cinema de tradições nacionalistas, que mantenha o nosso prestígio cultural, e que dignifique o nosso sentimento, a nossa Arte, e o nosso Character?

Quais as razões em que se pode apoiar uma lei protecionista da produção nacional de cinema?

Como se deve encarar o problema do cinema sonoro, em face da cultura da lingua e da sua difusão?

* * *

PONTO DE VISTA ECONÓMICO

Antes da guerra, e até 1924, isto é, ha sete anos, o problema de cinema não tinha para nós importancia alguma.

Apesar da expansão que ele já tinha em muitos países, em Portugal, o espectáculo cinematográfico não contava no balanço economico, de forma a provocar a menor preocupação.

A economia geral do espectáculo português—isto é o «roulement» de capitais empregados na exploração das indústrias do «divertimento» ficava inteiramente na mão de nacionais, com as raras excepções das companhias estrangeiras de declamação, da opera, do coliseu e das variedades. Tudo isso junto não levava porem 5% do que o português gastava com o espectáculo publico. E se quizermos ser largos ponhamos 10% incluindo os direitos de tradução de peças estrangeiras que já abundavam e abundam ainda nas nossas scenas.

Nestes anos decorridos, que se passa em relação a exploração de cinema entre nós?

Muito simplesmente o seguinte: ao passo que as indústrias do teatro esmorecem, à mingua de espectadores, nesse circulo vicioso de falta de bom teatro por falta de publico, e de ausencia deste por falta de bom teatro, a industria do cinema desenvolveu-se, prospera, e interessa toda a gente. Ela consegue dar um bom espectáculo por preço barato, e então, surgem os teatros alindados e confortaveis, os salões «novos-ricos», organizam-se sociedades importado-

ras e, só em Lisboa, no curto periodo de dois anos, temos renovados inteiramente o Chiado Terrace e o Central, e construidos de novo, o Odeon, o Trianon e o Royal, para falar apenas nos mais importantes. Pode comportar-se em 10 a 12 mil contos o valor de importação cinematografica anual contando com a mercaderia americana, que é explorada na sua maior parte, directamente. Quere dizer, esses 10 ou 12 mil contos eram, noutra tempo, oiro que ficava em Portugal.

Eram, em epocas diferentes, as montagens faustosas do S. Luiz de Braga e do Galhardo, do Taveira e do Palha. Eram o bem estar de milhares de operarios, carpinteiros, adreclistas, electricistas, decoradores. Eram a prosperidade e a riqueza dos artistas, desde o scenografo ao actor e ao musico; eram o estímulo do auctor dramático, do poeta de teatro e do director de companhia.

A arte editorial do cinema suplantou, aqui e em toda a parte, a arte individual do teatro, por muito que digam o contrario. Quere isto dizer que se acabe com o cinema? Não! Toda a lei que assentasse no estrangulamento duma industria florescente, para a protecção a uma industria moribunda, seria artificial e injusta.

Não é disso que se trata. O que ha é de encarar a «economia geral do espectáculo».

Estudar o problema de milhares de familias—(e os artistas propriamente são uma minoria)—que do teatro viviam e hoje precisam dos poderes publicos uma lei de equilibrio aos seus interesses, tragicamente ameaçados. E essa lei, esse equilibrio só pode vir, logicamente, duma fonte: o proprio cinema. O cinema nacional ajudará a viver muita gente que do teatro nacional vivia. Sob o ponto de vista economico é esse o problema grande: Mandamos para o estrangeiro 12 mil contos, e temos os cafes cheios de artistas, de scenografos, de carpinteiros, de electricistas, de adreclistas, de indumentaristas, de cabeleireiros, de contra-regras, de toda essa multidão que do teatro vivia—e que hoje, arasta uma vida de horrorosa miséria.

Ora uma inspecção do Espectaculo, digna desse nome, não pode deixar de encarar esta circumstancia.

J. LEITÃO DE BARROS

SPORT

(Continuação das pag. 4 e 5)

inicio no domingo findo, tendo os jogos sido bastante prejudicados pelo mau estado dos terrenos. Em basket-ball, registou-se a costumada animação.

* * *

O Ginásio Club Português festejou, durante a semana que hoje termina, a passagem do 55.º anniversario da sua fundação. Do programa das provas que solenisavam tão agradável data, constavam «poules» de esgrima, boxing, pesos e alteres, etc.

Hoje realiza-se ás 21,30 horas, a sessão solene para a qual foi convidado o Senhor Presidente da Republica, e na qual deverá usar da palavra o nosso amigo e distincto orador sr. dr. Salazar Carreira.



Origem do cocktail

O escritor francês Paul Morand explica assim, espirituosamente, a origem da palavra «cocktails».

«Um lavra'or perdera o seu melhor «galo» (em ingles «cock») de combate. Quem o encontrar, casará com a filha do lavrador. Foi um garboso official quem o encontrou. Não conviria beber à saude do galo recuperado?... A filha do lavrador traz umas garrafas, vasa o liquido... mas o official de farda vermelha é tão formoso

que ela perturba-se e mistura os vinhos, compondo involuntariamente uma bebida de várias côres, semelhante à «cauda» (em ingles «tail») do galo ou «cock tail».

A história é engraçada, muito mais engraçada do que as consequências do uso e abuso dos «cocktails»... Os médicos franceses começam a apontar os perigos da nefasta moda que a America introduziu em França. O uso dos «cocktails» provoca um estado de espirito semelhante ao dos estupefacientes, sendo portanto necessario evitar que a sua expansão vá sempre em aumento, arruinando a mocidade dos dois mundos.

AS GRANDES SOLENDADES RELIGIOSAS

COM grande pompa se efectuou na passada 6.ª feira a Procissão do Senhor dos Passos da Graça.

Muitíssimas pessoas assistiram á sua passagem. A gente acumulava-se nos passeios da calçada do largo da Graça. A' passagem dos Santos Lenhos todos se ajoelharam. Muitas janelas encontravam-se decoradas com colgaduras. Sobre o andor do Senhor dos Passos foram lançadas centenas e centenas de ramos de violetas.

Tambem a igreja decorada a rôxo, e com todos os altares iluminados, se encontrava literalmente cheia. A' entrada da procissão, e durante as sete paragens do rictual, um côro, dirigido pelo sr. professor Carlos de Arau-



EM CIMA:—O andor do Senhor dos Passos saído da igreja.

A' DIREITA:—A procissão dando a volta á igreja.

EM BAIXO, á esquerda:—o senhor Nuncio Apostolico conduzindo o Santo Lenho.—á direita,—a procissão passa ante o respeito da multidão.

(«Fotos» Ferreira da Cunha).





A' DIREITA:—O andor da Senhora da Soledade saindo da igreja.

A' ESQUERDA, e em baixo,—dois interessantes aspectos da multidão amontoada nas janelas e comprimida nos passeios assistindo interessada e respeitosa ao desfile bem lento da procissão.

(«Fotos» Ferreira da Cunha).



jo, cantou musica propria.

Depois do andor do Senhor dos Passos ser colocado no seu camarim, a direita do altar-mór, o sr. Nuncio Apostolico e outros membros do clero re-



saram o «Miserere». Estiveram na igreja os srs. embaixador de Espanha, esposa e filha, ministros da Belgica e da Holanda e esposas, almirante D. Bernardo Mesquita e esposa, e dr. Ferreira de Almeida e esposa.

As nossas gravuras focam os aspectos do que foi a procissão do Senhor dos Passos.

PATRONATO DE S. PEDRO DE MIRAGAIA

O Ex.^{mo} Bispo do Porto, Sr. D. Antonio Castro Meirelles, rodeado pela comissão organizadora da festa que, no domingo, se efectuou no salão do Circulo Catolico, em beneficio do «Patronato de S. Pedro de Miragaia».

(«Cliché» Jaime Ferreira).



LUIS DE SÁ-CARDOSO

Distincto escriptor portuense que acaba de publicar um interessante romance «A mulher de gelo» que foi acolhido pela critica com as mais lisongeiras referencias acerca do talento do seu auctor.

ENLACE MATRIMONIAL

No passado sabado realisou-se o casamento do nosso presado amigo e chefe das officinas do «Noticias Ilustrado», sr. José Rey y Pena, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Assunção Gomes. A nossa gravura mostra os noivos entre os seus convidados.

(Foto Ferreira da Cunha)



Maria do Mar CHARADAS

Nos discos Columbia

Devem chegar por estes dias os discos Columbia, com o fado da «Maria do Mar», em que o inspirado maestro Wenceslau Pinto, e o notavel poeta e revisteiro Pereira Coelho se esmeraram, produzindo uma linda canção que por certo ficará popular dentro em pouco. Eis os versos, simples e harmoniosos de Pereira Coelho:

Fado da «Maria do Mar»

I

E L E

Morreu a minha alegria!
Só anda tristeza, agora
Afogando o meu olhar...

E L A

Tambem a pobre Maria,
Do mar de pranto que chora,
Ficou «Maria do Mar»!... } os dois, bis

II

E L E

Na noite da minha vida
E' tão grande a tempestade
Que ha muito perdi a fé...

E L A

Com tanta ilusão perdida
Chamã-se o «mar da saudade» } os dois, bis
Este mar da Nazaré...

III

E L E

Nestas ondas de incerteza
Vai meu batel à aventura
Em busca dos meus amores

E L A

Dentro da sua rudeza
Tambem amam com ternura } os dois, bis
Os humildes pescadores...

6-12-929

PEREIRA COELHO

A Ronda da Noite

E' este o titulo dum livro de novelas assinado por Bourbon e Menezes jornalista brilhante, cujo passado literário responde pelo valor da sua obra. Embora focando temas sombrios e vincando bastante a nota realista, Bourbon e Menezes conseguiu, em «A Ronda da Noite», deixar bem patentes as suas qualidades de prosador vibrante, emotivo, cuja pena mesmo quando mergulha num mar de lódo, guarda belos reflexos de pureza e de idealismo.

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE «VISCONDE DA RELVA»

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Américo J. L. Coelho, Rua D. Pedro V, 18—LISBOA.

ANO II—N.º 92 MARÇO, 23
8.º TORNEIO 1 9 3 0

RESULTADOS DO N.º 85 Produtores QUADRO DE DISTINÇÃO

RENANDOF	
N.º 7	4 Votos

N.º 8, de «Rui Severo»	2 Votos
N.º 4, de «A. D. Meiras»	1
N.º 6, de «Baco Mendo»	1

QUADRO DE HONRA

A. D. MEIRA
Com 9 decifrações—Totalidade

QUADRO DE MERITO

LUAGNUS, 7—LAURITA, 6—TANAGRA, 6—MIGNON, 5—SOBA DA TORRE, 5—COLIBRI, 4—VISCONDE DO PRADO, 4

Outros decifradores

Recruta, 5—Stock, 2—Anele, 1.

Decifrações

1 Granjolada—2 Desadunado—3 Satiyo, atira, tira, ira, ve, o—4 Debochado—5 Sêquito—6 Gabinardo—7 INFIEIS—Cacosella—8 N'acar.

BICUDAS—N.ºs 3, 4 e 6, respectivamente de «Luagnus», «A. D. Meira» e «Baco Mendo», com 2 decifrações cada uma.

GENTILEZAS—«Anele», mui gentil.

CHARADAS EM VERSO

1 Dado que em breve morrer—1
Tenha, não desejo rezas;
Apenas, podendo ser,
Uma guitarra a gemer
As canções mais portuguesas!
Que me envolva um paletó,
Seis bacantes me conduzam;
Não quero padre—a cruz só.
Depois, a cruzas, a pó,
O meu cadáver reduzam...
Estou livre de coacção,—2
E' válido o testamento
Em tempo: que o meu caixão
Seja conduzido à mão
E sem acompanhamento.

Ceia

AGA' LARBAC

O' confrades e amigos, por favor,
Se este caso puderem resolver,
Digam-me qual a razão superior
Porque trago o estomago a arder?

Por vezes... eu lhes digo sem detença:
O gosto amargo que a boca tem
Denota do «enxofre» a presença—2
E outra coisa que do vinho provem,—5

Não sei porque este traste de Averno,
Este monstro, este patife, ladrão,
Me traz a Vida toda num inferno...
Não sei! Não percebo qual a razão!

Pois preciso descobrir, preciso saber,
Como hei-de arrancar este veu;
Façam, confrades, o favor de me dizer
Que «ácido» exquisito bebi eu?

Lisboa

BELMIRO

CHARADAS SINCOPADAS

(Agradecendo ao illustre confrade «Soba da Torre»)

5 Caro confrade. Envio-lhe este bocado de prosa em respeito à sua charada.—5-2.

Lisboa

A. D. MEIRA (A. C. P. B.)

4 Estão ali os paroquianos, não vêes?—5-2.

Pôrto

LUAGNUS

5 O «Vestido mourisco» dá graça à «mulher».—5-2

Lisboa

SAVLER LEUNAM

CHARADAS NOVÍSSIMAS

6 Pode estar sciente que esta «planta» pertence ao «turcos»—1-5

*aromática.

Pôrto

APINCRUZ

(A «A. D. Meiras», campeão do «Ilustrado»)

7 E' mentira o dizer-se que este individuo, para roubar a mantilha, já tinha arrombado portas.—2-1

Lisboa

GUERREIRO E MONGE

8 Uma lâmpada, quando cai, demonstra que estava colocada no espaço....—5-1.

Lisboa

LATA ESTANHADA

(Ao amigo X.... padrão dos loucos... Cultos!)

9 O seu desequilíbrio mental inspira-me a comiseracão que me merece o do mais inconsciente amalucado!—2-1.

Pôrto

RENANDOF (G. E. L.)

10 A bagatela de um «peixe», originou a chamamento duma causa a juízo superior.—2-2.

*mustelídeo.

S. J. da Barra

SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

Todos os convites para a assistencia de «O NOTICIAS ILUSTRADO» deverão ser dirigidos à sua Redacção:—Rua D. Pedro V,



Use V. tambem

CAFIASPIRINA

que combate as dores e aumenta o bem estar, sem prejudicar o coração ou os rins.



Tambem a Cafiaspirina é um produto da acreditada casa

Bayer

COGNACS

E. REMY MARTIN & C.º



Representante Geral para
Portugal e Colonias

JOÃO ALVES DE MATOS

R. dos Fanqueiros, 277

NELSON LINE



OS NOVOS E MAGNIFICOS PAQUETES
«**HIGHLAND PRINCESS**»

De 14,500 Toneiadas
ESPERADO A 24 DE MARÇO
PARA

Las Palmas, Rio de Janeiro,
Montevideo e Buenos Aires.

«**HIGHLAND HOPE**»

ESPERADO A 31 DE MARÇO
PARA

Vigo, Boulogne e Londres

Para carga e passagens de primeira,
intermediaria e terceira classes, tratar
com

OS AGENTES:

Em Lisboa—**E. Pinto Basto & C.ª, Ltd.**

AVENIDA 24 DE JULHO, 1, 1.º

Telefones Trindade 3601, 3602, 3603, 3605

«OS SPORTS»

BI-SEMANARIO

EDIÇÃO DO «DIARIO DE NOTICIAS»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Diario de Noticias 78 — Telefone T. 821

MOSAICOS

A MAIOR PRODUÇÃO DE PORTUGAL—OS DE MELHOR FABRICO

Goarmon & C.ª

A MAIOR FABRICA DO PAIZ

Escritório: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21—R. do Corpo Santo, 32

LISBOA

AZULEJOS—LOUÇAS SANITARIAS—CIMENTOS

OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

PEDIR CATALOGO E PREÇOS

TELEFONE CENTRAL 1244

Lave, endule e corte o seu cabelo na

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

TELEFONE NORTE 3641

Mamã



Estas criadas! As compras! As crianças! Duzias de visitas! Ora, que trapalhado! Centenas de coisas para arromar! Não é de admirar que a pobre mãezinha tenha os nervos sobre-excitados, sofra de dores de cabeça e sinta a fadiga como chumbo em todos os membros. Com que gosto ella toma então os

Comprimidos de Aspirina

Dois comprimidos num copo de agua, e já mamã é como de costume, contente, sorrindo, cheia de saúde e alegre como o peixe n'agua. É para as crianças, quando teem dores de dentes ou de ouvidos, para papá, quando volta esgotado pelo trabalho, para os avós, quando são atormentados pelo reumatismo, enfim para toda a familia, os Comprimidos „Bayer“ de Aspirina são uma verdadeira bênção.





NOTÍCIAS
ilustrado
EDIÇÃO SEMANAL DO
DIÁRIO DE NOTÍCIAS

RUGBY
SPORTING CAMPEÃO